

A MAGIA DO XADREZ

No início, apenas um grande silêncio pairando nervoso sobre um reino encantado e cheio de mistérios, o mundo mágico das 64 casas de um tabuleiro enfeitiçado; silêncio feito da amálgama de emoções fortes e palpáveis, próprio das grandes ocasiões que marcam, de forma indelével nos anais da inteligência, as mais sublimes realizações da genialidade humana.

É um silêncio respeitoso, pomposo, até visível no leve tremor da pálpebra ou no disfarçado dilatar da narina, prenúncio da violência e da ousadia prestes a explodir no embate de morte implacável, medonho fruto de estrategistas homicidas. Neste tabuleiro, a pugna da inteligência, bendita e refinada, duelo mortal e sem guarita de êmulos decididos.

As armas prontas, a postos, organizadas, lado a lado. Silenciosas, frementes, ansiosas para a luta corpo a corpo, de baioneta calada e calada garra de guerra. Olham-se nos olhos, no desafio mudo de inimigos, de adversários audazes. Tácticas, estáticas, mórbidas e nervos aflorando à flor da pele no ritmo descompassado de respirações sistemáticas. Ei-las, armas frias, brancas, pretas de guerras sem tréguas, safári de homem-bicho em selvas ínvias de precisos lances.

Milhões de embates iguais em tradição de história gloriosa. Igualdade numérica, racismo perene no branco/preto dos personagens, duas cores que se enfrentam, se encaram e se detestam; se amam, se odeiam e se digladiam na eternidade de suas diferenças eternas.

Dois exércitos, frente a frente, respeitando-se no ódio, separados apenas pela finita diferença de duas casas, facilmente vencidas pelo salto lépido e ousado, preciso e desafiante, de dois Peões que, cara a cara, se estranham, se estudam no centro do finito infinito, no centro da batalha prestes a eclodir sangrenta, num turbilhão violento de amor-ódio e ódio-amor de inimigos sadomasoquistas de fina ironia.

Nos quatros lados de um quadrilátero de perfeição cartesiana, as fortalezas das Torres, encasteladas, retilíneas e paquidérmicas, sustentáculos de finais elaborados, sóbrios elefantes em arremates pesados, disparando à distância seus dardos de curare, protegendo em escudos de carcaça marmórea, cobrindo, avançando, recuando, demolindo, construindo avenidas largas e abertas passarelas para o desfile feérico das peças mais leves; mecanismos de precisão para a frente e para a trás, de lado, dobradas, as primeiras protetoras do Rei.

A seu lado, os Cavalos elegantes, crinas penteadas em caracóis formosos, narinas afiadas, cascos reluzentes e escoiçantes, em saltos fantásticos de equilibristas mambembes, privilegiados protagonistas em saltar peças, de ambos os lados, numa dança vertiginosa de precisão matemática. Ah, os ingratos corcéis de súbitos e inesperados duplos, descobertos repentinos num relinchar estrondoso de perseguição em zig-zag, trote cadenciado em ritmo de marcha lenta, retesando o dorso luzidio em provas olímpicas de obstáculos, pescoço curvo numa tentativa inútil de cisne alado, rodopiando num balé estonteante, indócil e resfolegante manada em precisão de comando de rédea curta nas cavalgadas apocalípticas de missões selvagens.

Depois, a solenidade litúrgica e respeitosa de Bispos esguios, sinuosos, ecumenicamente deslizando em diagonais de cores opostas e moral ilibada; na cabeça, a mitra simbólica e distinta, com o corte tradicional e histórico; nas mãos, a bondade da extrema-unção na caridosa distribuição dos santos-óleos e no abençoar da agonia do monarca moribundo. Bispos que jamais se cruzam em sua via sacra por bula papal, confessando "in extremis", nos estertores da partida.

À frente, a humildade do Peão, a peça mais fraquinha e sorrateira; talvez por isso ande em grupo, se protegendo quais inocentes cordeirinhos pastando felizes em estepes de famintos lobos. Oito pequenos escorpiões de cauda venenosa, prontos para o ataque fulminante e arrasador, inseparáveis companheiros em temíveis missões kamikase; andar moroso, cabeça raspada e erguida, sempre para a frente, rompendo barreiras em harakiri com

destemor e galhardia, caindo no fragor da luta ao toque de ousadia, num silencioso trabalho de sapata perigosa. É o mais fraco, o mais humilde, o menorzinho, irmão caçula e tão mimado; entretanto, é um moleque arteiro de estilingue certo, fedelho mandado ao sacrifício com nobreza de propósitos, aprontando as suas com cara de inocente e risinho de capeta, espalhando chispas e espelhando intenções. Bóldos do tabuleiro, estrelinhas de entrelinhas, miríades de passinho curto, desajeitado e persistente.

Impelidos, compelidos, impedidos frente ao adversário. E ali ficam, cismando, sondando, atraindo, isca e presa venenosa. Ao primeiro e leve sintoma de fraqueza, ei-los em fulminante ação, quer da esquerda, quer da direita, beliscando e mordendo, com um risinho de satisfação, o traseiro de uma dama cobiçada ou cravando os dentes na veia jugular em canibalismo vampiresco de um inimigo mais descuidado.

Destinado a passo de tartaruga, pacientemente avançado, quis o destino que tentasse a quebra de um recorde e de repente ele pula intrépido e faceiro duas imensas casas no início da longa jornada. Mas depois, haja beneditina paciência para vê-lo na romaria piedosa rumo ao infinito da oitava. E lá vai ele, predestinado viajante, matraqueando para, assim de repente, surgir-lhe à frente o destino implacável do juízo final. Estóico, heróico, não treme e não teme, e mergulha de cabeça no desconhecido, puro e sereno gesto de nobreza, imolando-se no horripilante holocausto e, com este passo para a eternidade, rompe e rasga a ferida purulenta, abrindo picadas para que seus companheiros de arma passem lépidos e suados. Se tiver a sorte de não ser capturado, dá o primeiro passo de casa dupla e, se feliz, dá o segundo, o terceiro, o quarto e o glorioso quinto, numa distância horripilantemente longa de uma sessão de tortura medieval, rumo ao encontro do arco-íris da recompensa na plenitude de suas cores gloriosas.

E ele, trêmulo de emoção, mal crendo na metamorfose da transformação, dá o passo decidido e cheio de sofrida glória; glória arrancada das vísceras putrefatas dos vencidos e vendidos, e, ao som da música serena da coroação, renasce qual Fênix no milagre da promoção. Vêmo-lo, agora, impávido, travestido em gloriosa Dama, escoiçante Cavalo, severo Bispo ou potente Torre. Sua operação depende apenas da vontade férrea do jogador ou da necessidade imperiosa da posição. Mas ali está ele, sorrindo garboso na sétima, antegozando as delícias mil do sucesso e privilégio, esbanjando pompa e irradiando ameaças, retornando ao núcleo efervescente da luta, pronto para ministrar potentes e certos golpes, ou mesmo, para um paradoxo de sacrifício de orgia pagã.

Alma, arma, elmo, causador de tantos transtornos, vítima da impotência, fruto da competência, solitário apóstolo em avançadas estepes, nau a navegar meio a tempestades de mar aberto. Muitas vezes duas situações se lhe deparam: ao saltar intrépido os dois primeiros passos, chega a carranca feroz de um Peão inimigo, sentinela avançada postada na quinta, e é engolido na voracidade da luta; outra, quando na trincheira da quinta, vê o inimigo insinuante passar num vôo rasante, e num miraculoso golpe fá-lo retroceder e o aniquila inclemente.

De repente, surge na linha do horizonte, com todo o seu esplendor e glória, a Dama, Rainha primeira e única, elegante nos seus finos traços, mulher fatal, temida, odiada, cobiçada presa, impiedosamente caçada com volúpia, curvas sinuosas que endoidecem os vassalos submissos, única mulher num mundo de machos feios, perseguida em trégua como criminosa e ré, artista de combinação de seda e sutiã de veludo carmesim. Fica num lugar de destaque, respeitosamente postada ao lado de seu amo e senhor, e por ele luta, morre e ressuscita em gestos de eivado amor, sacrificando-se na mais pura tradição de fidelidade.

Por ser mulher, como mulher se comporta, cheia de zelos, mistérios e surpresas, perseguida pelos homens que provoca insinuante, deixando atrás de si um rastro de contida paixão e constante ódio, sentimentos que se mesclam e se multiplicam nos caminhos insondáveis do amor. Muitas vezes em perigo, retira-se depressa, depois de armar escândalos e provocar fofocas, e na prudência de gestos recatados no orgulho ferido, evita a curra preparada, voltando soberba ao ninho antigo, ávida de proteção e carinho na graciosa fragilidade de ser mulher.

Potente, não pode expor-se com facilidade e insegurança; e se em caminhadas mais ousadas, ver-se-á em perigo constante, tornando-se um prêmio até mesmo para um Peão mais

sonolento. De permanente bom-humor, conjuga maravilhosamente os movimentos de todas as peças menos uma, pois não sendo amazona, não repete os saltos do Cavalo; os demais, ela os faz com graça e perfeição, no mais das vezes com o sorriso enigmático de Gioconda brejeira e cheia de convites maliciosos. Voluntariosa e ordeira, exigente e venenosa, por vezes com fúria homicida estampada num rosto angelical, traz nas mãos a cicuta para o coquetel de Julieta. Misteriosa, rainha de inferno e céu, à sombra do cadafalso é Maria Antonieta em orgias de Lucrecia Bórgia, Eva de um paraíso de encantos e frutos proibidos, Cleópatra de um trono que se ergue impoluto ou se desmorona com estrondo.

Unhas pintadas, maquiagem composta, anáguas de renda, vítima de curras e estupro em cantos solitários do tabuleiro quando Peões tarados aprisionam-na num bacanal à meia-luz, para depois, se possível, renascer na alma mística de um Peão.

E finalmente Sua Majestade, o Rei. Rei, sim, encima sua cabeça a distinta coroa que num halo fulgurante o torna mais alto, inconfundível. Todos, vassallos seus, todos, indistintamente, leais súditos, fiéis acólitos, vivendo, um por um, todos por ele e por ele todos morrendo. A vida toda deste reino encantado se resume exclusivamente no viver pelo Rei. Tragédia grega de tantos e ousados lances, farsa e comédia, drama e tragédia, palco de sangue, sangue azul protegido até o último suspiro de um arrojado lance de desespero ou genialidade repentina. Não importam os motivos e pouco interessam as razões, tudo se concentra na figura estoica do bem maior.

O Rei é magnânimo, impoluto, resoluto, é prêmio e troféu, é virtude e vício, é diabo Deus. Entronizado no altar-mor de uma partida, comanda, manda e desmanda.

Para proteção total, retira-se ligeiro para seu canto em forma de roque, maior ou menor, dependendo do apetite. Num gracioso pulo que espanta pela agilidade física, ei-lo posto sossegado, com a fiel Torre de lado e o escudo dos Peões à frente. Às vezes, tem que se esconder um pouquinho mais para que o Peão Bispo se aventure e liberte a Torre, e ele dá um passo de dança e se encosta na primeira casa do tabuleiro, no roque menor. Um pouco mais de imprudência, cairá do tabuleiro. Feito isso, seus guerreiros podem avançar de espada em punho e lança estirada. Quando no roque maior, dá um passo à esquerda e protege com seu manto real o Peão Torre.

Apesar da de sua pompa, é de passo decidido e decisivo. Não é covarde que se refugia atrás de suas hostes, nas dobras de uma Torre, na batina de um Bispo, nos arreios de um Cavalo, no estoicismo de uma Dama ou na coragem de um Peão. Temeroso, sim, por condição de natureza e regra, mas comanda à distância, pois tem que ser protegido até as últimas conseqüências. Se preciso for, e normalmente o é, ei-lo que sai decidido com o cetro em punho, e se dá, ele mesmo, ao nobre luxo de um descoberto, em finais nervosos onde fica de peito aberto, fazendo oposição, driblando xeques, evitando descobertos, burlando duplos, evitando afogamento, acompanhando com passos firmes a marcha serena de um Peão a caminho do cerimonial dionisíaco da coroação. Por vezes bígamo, sorri feliz ao ver a segunda Dama em promessas de noites eternas de amor feliz.

É vítima, alvo, potente arma de impiedosa caçada. Jamais, em momento algum, ele próprio desferiu o golpe mortal, mas, isso sim, com a dignidade do cargo e a imponência do trono, qual César no Coliseu ululante, aponta o polegar no gesto que decide a vida e pronuncia a sentença fatal.

Joga por intuição, própria do cargo, uma vez que jamais se enfrentou frente a frente com o inimigo do mesmo porte. Como um leão indomável, luta. E retrocede, avança, também do lado esquerdo, direito, protege, ataca, esconde-se matreiro no comando; Rommel nas estepes como raposa do deserto, persistente na concentração a ferro e fogo.

A sombra de sua coroa se sobressai altaneira no meio da multidão, formando uma cruz no duro chão de luta, atemorizando e exorcizando. E vem o "zugzwang" num lance inocente e pacato. Fica o inimigo, dominado apesar do esforço hercúleo de talento. Depois de toda a luta, em que poucas peças restam extenuadas, frustradas umas, jubilosas outras, espalhadas, em pequenos grupos, no tabuleiro ressoa apenas uma melancólica melodia de uma vitória nervosa ou de derrota lúgubre.

No fechar da cortina, depois do espetáculo de morticínio, coragem, covardia, genialidade de concepção, chega, então, o momento maior e mais sublime quando, num cântico pagão e selvagem, os lábios frementes mais que murmuram, cantam num júbilo incontido de êxtase, numa sinfonia de sons maiores, no pronunciar de uma palavrinha fatídica e mágica, prêmio da eternidade, laurel de incalculável valor pela realização perfeita, engendrada nos meandros insondáveis da mente humana.

Novamente se abate ali, no tabuleiro enfeitado e mágico, um outro silêncio, tão perfeito como o que iniciou a pugna, só que este traz estampado nos rostos a marca da violência da derrota e o júbilo da vitória suada.

Ouve-se apenas uma palavra de doce amargura, de uma alegria triste, de vitória e derrota, murmurada como o correr borbulhante de um riacho sereno, como o trovejar de uma tormenta em céu aberto com o fulgor de um coriscante raio: "XEQUE MATE".

Texto do aficionado Adailton J. Chiaradia.

Adailton J. Chiaradia, nascido em Itajubá, em 1943. Funcionário aposentado do Banco do Brasil, ex-professor de inglês do Yázigi, tradutor de livros para editora carioca e da Unifei, advogado, casado, 2 filhos, 3 netos, é um apaixonado por Xadrez. Como hobby, já traduziu mais de 30 livros sobre o jogo, livros que, infelizmente, por total desinteresse de editoras brasileiras, jamais foram publicados, o que, de maneira alguma, impede que ele continue com a tarefa que lhe causa grande satisfação pessoal. Já teve um conto publicado nos Estados Unidos, sobre Xadrez, num site dedicado ao jogo, e uma de suas grandes satisfações foi assistir, em Nova York, ao Campeonato Mundial de Xadrez, em 1990, entre Garry Kasparov e Anatoly Karpov, quando conheceu e foi apresentado a grandes jogadores famosos, entre os quais ele cita, com orgulho, a figura imortal de Mikhail Tal, entre outros. Foi um dos fundadores do CIX, Clube Itajubense de Xadrez, em 3 de outubro de 1971, ao lado de tantas outras figuras locais da velha guarda.

Como ele gosta de dizer: *"A vida é curta demais para o Xadrez, mas isto não é culpa do Xadrez, mas da própria vida"*.